



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

A LINGUAGEM DE OJ: ORALIDADE E ESCRITA

Lucélia Teixeira Santos Santana
(UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio
(UESB)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é apresentar características da afasia do sujeito OJ e, ao mesmo tempo, tecer alguns comentários acerca das análises realizadas até o momento. Enfatizamos a importância da leitura e da escrita como suportes para uma nova organização da linguagem verbal nas afasias. O trabalho se fundamenta sob os pilares da Neurolinguística Discursiva (ND), que defende a eficácia de intervenções linguísticas em casos de afasia para uma melhor (re) inserção dos afásicos no meio social.

PALAVRA-CHAVE: Leitura. Escrita. Afasia

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, teceremos alguns comentários evidenciando a importância da leitura e da escrita como suportes para a (re) organização da linguagem oral em casos de afasia. Para tanto, realizamos um acompanhamento longitudinal de um sujeito afásico, que acontece na Universidade Estadual do

· Graduada em Letras vernáculas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e atualmente Mestranda do Programa de Pós-Graduação Strictu Sensu em Linguística da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB e integrante do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. E-mail: ltssantana_1@hotmail.com.

· Professora Doutora em Linguística pela UNICAMP, lotada no Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB. Líder do Grupo de Pesquisas e Estudos em Neurolinguística (GPEN), cadastrado no CNPq/UESB. Coordenadora da pesquisa com financiamento da UESB e do CNPq/471384/2010-0. E-mail: nirvanafs@terra.com.br.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

Sudoeste da Bahia-UESB, especificamente, no Laboratório de Pesquisa e Estudo em Neurolinguística (LAPEN).

São realizadas sessões semanais com esse sujeito, sendo um encontro individual e um encontro em grupo, alternadamente. Desse modo, percebe-se que esse sujeito não é avaliado isoladamente. OJ começou a frequentar o Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO) em 29-09-2011, ou seja, há um ano e sete meses. Este sujeito, segundo o laudo médico, sofreu um Acidente Vascular Cerebral Isquêmico (AVCi) em 08-05-2011 e teve como sequelas hemiplegia à direita e afasia de expressão.

No acompanhamento longitudinal, com o sujeito acima referido fica evidenciada em sua afasia, principalmente, a dificuldade para evocar as palavras, para escrever, para ler. Também temos percebido alterações, às vezes, na interpretação de alguns enunciados.

Tomamos como base para os estudos e análise dos dados a Neurolinguística Discursiva (ND), que defende a eficácia de atividades contextualizadas e, principalmente, priorizar o ser humano como sujeito agente da linguagem. Tanto nas atividades, como na análise dos dados, percebemos uma progressão relevante nos sujeitos afásicos que compõem o grupo do ECO e nesse trabalho colocaremos em destaque os dados do sujeito OJ.

O objetivo do grupo ECO é observar questões linguísticas e a partir das dificuldades de tais sujeitos, fazer intervenções para que os afásicos possam estabelecer certa estabilidade depois da sequela inserindo-os novamente na sociedade por meio da linguagem em práticas sociais efetivas. Observando as interações nos encontros, percebemos mais claramente o funcionamento da língua, que é de grande importância para o pesquisador linguista.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

MATERIAIS E MÉTODOS

Para realizar a coleta de dados, nos valem do acompanhamento longitudinal, nesse caso, são realizados encontros semanais. Um encontro individual, no qual o sujeito realiza as atividades somente com o pesquisador e orientador e outro encontro em grupo, quando se reúne com todos os pesquisadores, orientador e demais sujeitos afásicos. Nessas sessões de acompanhamento, são realizadas várias atividades como, por exemplo, jogos de tabuleiro, pequenas oficinas, dinâmicas em grupo, comentários de filmes e músicas, utilização de computadores para acesso às redes sociais, dentre várias outras atividades que nos possibilite a interação e uso espontâneo da linguagem. Nos encontros individuais, há um direcionamento do trabalho linguístico, de acordo com as particularidades de cada sujeito. As sessões individuais são registradas em aparelhos gravadores de voz e as sessões em grupo são filmadas, são feitas também anotações em agenda. Posteriormente, os encontros são ouvidos pelos pesquisadores que selecionam os dados relevantes e os transcrevem utilizando as normas do banco de dados da UNICAMP⁶²², com algumas adaptações. Os dados selecionados são analisados com base nos princípios da Neurolinguística Discursiva e nas disciplinas de domínio e fronteira da ciência Linguística.

A teoria que fundamenta esse trabalho se respalda nas discussões propostas, principalmente, por Freud (1891), Jakobson (1969; 1970), Luria (1984), Coudry e Possenti (1983), Coudry (1988), todos com uma perspectiva dos estudos linguísticos e no contexto da Neurolinguística discursiva (ND).

Na ND, postulada por Coudry (1988), a autora sublinha que a forma como as patologias da linguagem são avaliadas, pela Neurolinguística moderna, principalmente as afasias, são equivocadas, ou seja, há muitos pontos a serem

⁶²² Cabe mencionar que o modelo de registro do Banco de Dados em Neurolinguística (BDN) da Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP foi retirado da tese de doutorado intitulada "Uma abordagem sociolinguística da afasia: O Centro de Convivência de Afásicos (UNICAMP)" de autoria de Nirvana Ferraz Santos Sampaio (2006).



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

revistos, repensados e reformulados. As avaliações são feitas por meio dos testes-padrão. Nestes testes, Coudry (1988) afirma que “O examinador ocupa uma posição de domínio da interlocução e detém um saber sobre o afásico e sobre a linguagem (muito próxima do saber “escolar”)” acerca do que quer testar em determinado sujeito. Acabam descartando a interação indispensável ao exercício da linguagem.

A Neurolinguística Discursiva postulada por Coudry (1988) propõe um trabalho que se opõe à Neurolinguística moderna e que se baseia em modelos teóricos metodológicos estruturalistas sem uma reflexão crítica. Segundo esta mesma autora, a utilização destes modelos teóricos direcionam pesquisadores para um caminho que prioriza a língua como sistema de códigos, um sistema fechado, interno, que descarta o sujeito pragmático de suas análises. Se o foco da ND é justamente estudar distúrbios da linguagem, como descartar o sujeito falante dos estudos realizados? A concepção de linguagem que direciona a ND é a estabelecida por FRANCHI (1977), na qual o autor afirma que:

A linguagem, pois, não é um dado ou resultado; mas um trabalho que ‘dá forma’ ao conteúdo variável de nossas experiências, trabalho de construção do ‘vivido’, que ao mesmo tempo constitui o sistema simbólico mediante o qual se opera sobre a realidade e constitui a realidade como um sistema de referências em que aquele se torna significativo. Um trabalho coletivo em que cada um se identifica com os outros e a eles se contrapõe, seja assumindo, a história e a presença, seja exercendo suas opções solitárias.(FRANCHI, 1977,p.22).

Para esse autor, a linguagem é uma atividade que se constitui paulatinamente, é fruto de um trabalho que se realiza com e sobre a linguagem de forma coletiva e em meio à vivência de determinado sujeito. A linguagem se constitui a partir de características individuais e sociais independentes das formas pré – estabelecidas pelo sistema, é resultado das interações do indivíduo na



MUSEU PEDAGÓGICO

ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

sociedade. A partir de sua vivência e de suas ações, o sujeito na relação com o outro e com mundo constitui a linguagem.

O trabalho da ND parte de uma perspectiva que prioriza o sujeito em práticas comunicativas e a intenção de Coudry (2008) é estabelecer, a partir de um quadro teórico e juntamente com algumas análises, uma prática de acompanhamento longitudinal para sujeitos acometidos por sequelas na linguagem. Para tanto, a autora reformula certas hipóteses de trabalho com as quais a Neurolinguística moderna vem trabalhando.

O interesse da autora não está na própria afasia, mas, sobretudo, em hipóteses operacionais, as quais o principal objetivo é conhecer as dificuldades linguísticas do sujeito afásico e as estratégias que esse sujeito lança mão para reconstituir sua linguagem. Coudry (1988, p.19) “adota procedimentos avaliativos e terapêuticos que favorecem ao sujeito encontrar o que a doença apaga e ele próprio sublinha” e com estas estratégias sobre a doença o sujeito acaba suprindo, com certas particularidades, partes comprometidas da linguagem.

Morato et. al. (2002), ao abordar sobre a plasticidade cerebral, retoma Luria e salienta que

O cérebro não é um órgão estático, fixo e programado, mas dinâmico, flexível e ativo, com uma excepcional capacidade de readaptação, evolução e mudança, altamente dependente das necessidades e ações do organismo como um todo. Há, dessa maneira, uma intensa interação de nossas ações no mundo com a dinâmica do funcionamento cerebral. (MORATO. Et.al. 2002. p.25)

Então, o que se pode inferir com essa afirmação é que o cérebro tem capacidade de regeneração, readaptação, basta que seja estimulado a buscar o funcionamento dinâmico para que ele possa realizar novas conexões, criar novos caminhos para driblar o que foi afetado por conta de uma determinada sequela.

No contexto da Neurolinguística Discursiva, o sujeito é colocado frente a situações comuns e que fazem parte de seu cotidiano e dessa forma é convidado,



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

ou melhor, instigado a agir com/sobre a linguagem. O cérebro é ativado criando possibilidades para rearranjos suprindo a falta.

Em Freud (1891), há uma importante consideração que ajuda o linguista encontrar o caminho ao qual o sujeito com a linguagem afetada consiga, com mais facilidade, agir com/sobre a linguagem em situações efetivas da linguagem:

[...] a patologia das perturbações da linguagem não faz mais que repetir uma situação que se apresenta normalmente durante a aprendizagem de funções da linguagem [...] a única diferença está no facto de no aprender estarmos ligados à hierarquia existente dos centros que iniciaram a sua função em tempos diversos (primeiro o sensorial acústico, depois o motor, mais adiante o visual e por fim o gráfico), ao passo que nos casos patológicos é chamado em auxílio em primeiro lugar o centro que permaneceu mais eficiente. (FREUD, 1891, p.29).

Quando o sujeito tem uma sequela que afeta sua linguagem, o centro que se encontra mais eficiente é o que primeiro é ativado para suprir a falta, preenchendo a lacuna existente, então, a partir, não da falta, mas do que restou em sua linguagem é que se busca restabelecer o indivíduo na sociedade linguisticamente.

Geralmente, quando se ouve falar em afasia, o que se imagina imediatamente é a falta de fala, como se denomina os dicionários de Língua Portuguesa e considerando que a fala é um processo linguístico. Entretanto, Santana (2002, p. 17) enfatiza que “Se a escrita também é um processo linguístico, significa que o termo ‘afasia’ serviria tanto para designar alterações da linguagem oral quanto para alterações da linguagem escrita”.

Sendo assim, é possível perceber que o termo afasia não está restrito somente a questões com a oralidade, mas também com situações em que a leitura e a escrita também se encontram afetadas e que todas as áreas estabelecem relações entre si para buscar caminhos para que a linguagem seja realizada, possibilitando a comunicação dos afásicos perante a sociedade.



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apresentamos, no quadro abaixo, dados relevantes colhidos em uma das sessões em grupo. Serão utilizadas as siglas OJ, para o sujeito da pesquisa e ILS para investigadora. Nesta ocasião, estávamos comemorando um aniversário no grupo e OJ, por esquecimento ou mesmo por um desentendimento de informações, não trouxe um presente para o aniversariante. Desse modo, questiona para ILS sobre o fato de não ter sido informado sobre o aniversário e fica zangado. Ele quer resolver a situação porque, para ele, aniversário sem presente não dá certo.

SESSÃO: Aniversário sem presente

Dado 1: **Não, eu não sabia que ia ter aniversário.**

Dado 2: **Esse valor é suficiente?**

Dado 3: **O dinheiro é para o presente.**

Dado 4: **Vem aqui que vou lhe explicar.**

Dado 5: **Presente**

Quadro 1: Aniversário sem presente

| Turnos | Sigla do locutor | Transcrição | Observação sobre as condições de produção de processos alternativos de produção não verbais | processo utilizado para expressar a linguagem |
|-------------------|------------------|---|---|---|
| Recorte... | | | | |
| 1º | ILS | Hoje tem o aniversário, OJ, temos festa! | | Oralidade |
| 2º | OJ | O quê? | | Oralidade |
| 3º | ILS | O aniversário lembra? Te falei na semana passada no | | Oralidade |



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

| | | | | |
|-------------------|-----|--|--|-------------------|
| | | último encontro. | | |
| 4º | OJ | Não! Não. Paqui? Nada | Balança a cabeça negando. Coloca a mão no peito. | Oralidade e gesto |
| Recorte... | | | | |
| 5º | OJ | Aqui ó. Tá bom? | Balança a cabeça afirmando e sorrindo. Quer a confirmação de que estou entendendo. | Oralidade e gesto |
| 6º | Ils | Para quê esse dinheiro, OJ? | Mostro o dinheiro para ele | |
| 7º | OJ | Paqui, paqui...ó | Olhando e apontando para a aniversariante que acaba de chegar. | |
| 8º | Ils | Você vai dar o dinheiro? Não, não se preocupe com isso. Outro dia você traz um presente, ela vai entender. | | Oralidade |
| 9º | OJ | Nãõ moça! Paquió, paquió. | Me chama para ir lá fora e aponta para o papel | Oralidade e gesto |
| 10º | Ils | Um momento. Você quer escrever! | Pega o papel e caneta e lhe entrego | Oralidade |
| 11º | OJ | | Escreve a palavra presente e aponta para o centro da cidade | Escrita e gesto |
| 12º | Ils | AAh! Você quer que eu compre o presente? | | Oralidade |



ISSN: 2175-5493

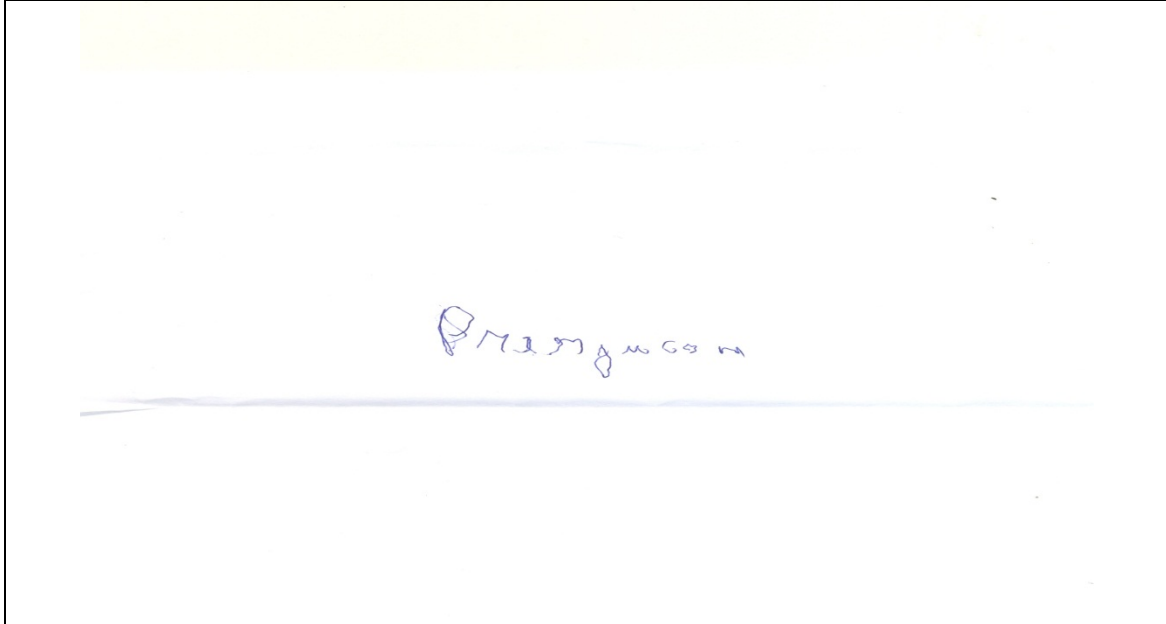
X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

| | | | | |
|-------------------|----------|---------------------|-----------------------------|-------------------|
| 13º | OJ | Isso! Isso! Tá bom. | Balança a cabeça afirmando. | Oralidade e gesto |
| 14º | ILs e OJ | PRE-SEN -TE | | Oralidade |
| Recorte... | | | | |

Podemos perceber, após visualização dos dados, que OJ utiliza vários mecanismos para alcançar a palavra desejada. Quando ILs, no primeiro turno, lhe fala sobre o aniversário, ele logo questiona sobre o fato de não ter sido avisado **“Não, não. Paquí? Nada”** e ao mesmo tempo coloca a mão sobre o peito reforçando que está falando sobre ele. Nesse momento, ele reclama seu lugar e seus direitos no meio social. Em seguida, convida ILs para a o canto da sala e retira da carteira uma determinada quantia em dinheiro e mostra a ILs dizendo: **“Aqui ó. Tá bom”**. Utiliza o próprio corpo quando balança a cabeça afirmando e sorrindo, esperando uma resposta positiva, que foi compreendido. A investigadora pergunta para ele para quê é o dinheiro e ele imediatamente aponta para a aniversariante dizendo: **“Paqui,paquíó”**. ILs pergunta se ele vai dar o dinheiro como presente e ele a corrige: **“Nãõ moça!Paquíó, paquíó”** e convida a pesquisadora para sair da sala. Lá fora, aponta para um papel e ela o compreende dizendo: “Ah! Você quer escrever!” OJ escreve então a palavra desejada e dessa forma é compreendido, mesmo antes de terminar a palavra toda. Quando ILs o compreende ele responde: **“Isso! Isso! Tá bom.”** OJ costuma se desenvolver bem oralmente com ajuda de um prompting, então, juntos eles realizam a palavra desejada que , no caso, era : PRESENTE. Esse sujeito, antes de ser acometido pela afasia, não tinha o hábito da leitura e nem da escrita, mas depois da sequela, percebemos que a leitura e a escrita têm sido utilizadas por ele em muitos momentos quando a oralidade falha. A escrita e a leitura dão pistas para que o prompting seja oferecido e ajuda OJ a reorganizar sua linguagem oral.

Quadro 2: A escrita de OJ



A escrita e a leitura de OJ também se encontram desorganizadas, como já discutimos anteriormente, a afasia é uma patologia da linguagem, então, não fica restrita somente à fala, mas também pode afetar a leitura e a escrita que também são formas de se expressar. Os campos de linguagem vão se organizando de forma mútua e no momento da falha o sujeito busca o campo que se encontra mais eficiente para àquela situação.

CONCLUSÕES

Percebemos que o acompanhamento longitudinal, à luz de teorias que priorizam o sujeito, são fundamentais para a avaliação e elaboração de atividades significativas para a reconstrução da linguagem de afásicos. O dado-achado, o olhar que o pesquisador lança sobre o dado, é crucial para a prática avaliativa, enxergar o dado como solução e não como erro é uma das prioridades da ND, pois é no uso efetivo da linguagem que o sujeito conseguirá vencer as barreiras que o limitam



ISSN: 2175-5493

X COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

28 a 30 de agosto de 2013

depois da afasia. Os dados nos mostram que a leitura e a escrita colaboram sobremaneira para a (re) construção da linguagem afetada.

REFERÊNCIAS

COUDRY, M.I.H. **Diário de Narciso**: discurso e afasia: análise discursiva de interlocuções com afásicos. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. 205 p. Edição consultada: 2001.

FRANCHI, C. Linguagem – Atividade Constitutiva. In: **Almanaque**, 5. São Paulo: Brasiliense, 1977, p. 9-27.

FREUD, S. **A interpretação das afasias**. Lisboa: Edições 70, 1891. (Edição consultada: 2003).

LURIA, A.R. **Fundamentos de Neuropsicologia**. Tradução de Juarez Aranha Ricardo. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos. Editora S.A.. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974. 344p. (Edição consultada: 1984).

MORATO, E. M. **Sobre as afasias e os afásicos** - subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos (Universidade Estadual de Campinas). 1. Ed. Campinas: Unicamp, 2002. v. 1000.

SAMPAIO, N. F. S.O Centro de Convivência de Afásicos em foco. **Estudos da Língua(gem)**, 2008; 6: p. 67-96.

SANTANA, A.P. **Escrita e afasia**: o lugar da escrita na afasiologia. São Paulo: Plexus Editora, 2002, 155p.